

Emissões de carbono na Amazônia praticamente dobraram em 2019 e 2020; queda na fiscalização a infrações ambientais foi principal motivo, dizem cientistas

umsoplaneta.globo.com/clima/noticia/2023/08/23/emissoes-de-carbono-na-amazonia-praticamente-dobraram-em-2019-e-2020-queda-na-fiscalizacao-a-infracoes-ambientais-foi-principal-motivo-dizem-cientistas.ghtml

Segundo estudo publicado na revista Nature, notificações e multas ambientais despencaram nos primeiros anos da gestão de Bolsonaro, enquanto desmatamento e queimadas dispararam



Queimadas na Amazônia aumentaram 14% e 42% em 2019 e 2020, respectivamente, em comparação com a média anual entre 2010 e 2018 — Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real

As emissões de carbono na Amazônia, maior floresta tropical do mundo, praticamente dobraram em 2019 e 2020, dois primeiros anos da administração de Jair Bolsonaro, em comparação com a média de 2010 a 2018, de acordo com estudo publicado na revista Nature. E a razão apontada pelos autores foi um aumento deliberado do desmatamento e das queimadas para uso da agropecuária, permitido por uma diminuição na fiscalização de crimes ambientais.

Com isso, os anos de 2019 e 2020 tiveram tantas emissões de carbono na Amazônia quanto o que foi visto durante a seca recorde e a onda de calor propiciadas pelo El Niño de 2015 a 2016, segundo os cientistas.

Ainda que a quantidade de carbono que a Amazônia absorve e emite muda com os ciclos climáticos, geralmente sugando mais em anos úmidos e menos em períodos secos, o estudo descobriu que o aumento das emissões sob Bolsonaro teve pouco a ver com processos naturais, mas foi causado pela ação humana em um ambiente de fragilização da legislação ambiental.

"As perdas de carbono durante 2019-2020 foram comparáveis às do El Niño recorde (2015-2016), e sem nenhum evento de seca extrema. Testes estatísticos mostram que as diferenças observadas entre a média de 2010-2018 e 2019-2020 provavelmente não surgiram por acaso", dizem os pesquisadores.

Sob Bolsonaro, o desmatamento na Amazônia cresceu 82% em 2019 e 77% em 2020, em comparação com as médias de 2010 a 2018; e as queimadas subiram 14% e 42% nas mesmas comparações. O resultado foi um aumento nas emissões de carbono de 89% em 2019 e 122% em 2020, também comparado à média do período 2010-2018.

Em contrapartida, as notificações por infrações contra a vegetação caíram 30% e 54%, e as multas, 74% e 89%, respectivamente em 2019 e 2020.

"Bolsonaro foi um El Niño brasileiro. A análise sugere que não há razão para as grandes emissões da Amazônia além do desmantelamento da aplicação da lei", disse Luciana Gatti, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil (INPE) e que liderou a pesquisa, ao [The Guardian](#).

A pesquisa é baseada em medições de perfil vertical de emissões de pequenos aviões em quatro locais na Amazônia brasileira, fazendo leituras de CO₂ de 500m a 4.500m de altitude. A análise não inclui a segunda metade da presidência de Bolsonaro, que teve taxas de desmatamento e queimadas ainda maiores

A análise alerta que novas áreas da floresta se tornaram uma fonte crescente de emissões, especialmente no oeste da Amazônia, uma das partes mais intocadas da floresta, que tem sido alvo de invasores de terras e garimpeiros.

"Neste trabalho, reunimos a ciência que mede as emissões de carbono, o monitoramento do desmatamento e das queimadas, a aplicação da lei e os fatores econômicos: tudo o que está envolvido no processo de destruição da Amazônia. Depois de observarmos todos esses fatores, foi um simples passo dizer: 'Você é o cara, você é o responsável por essas grandes emissões da Amazônia'. É uma história incrível e muito triste", disse Luciana Gatti, se referindo a Jair Bolsonaro.

"O agronegócio no Brasil está de olho na Amazônia para transformar o país na fazenda do mundo. Este é um plano terrível, não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro. A Amazônia é um amortecedor para as mudanças climáticas", completou Gatti.

